

CRISE FINANCEIRA

Mural Produzido em:
11/2008

Coordenação:
Gilberto Grassi Calil
Luis Fernando Zen

Acadêmicos:
Gustavo Soares de Lima
Juliana Valentini
Karen Kraulich
Karen Renata Capelesso
Rúbia Mara Tordiotto
Sandra Regina Ventura Popiolek

2008: a grande crise da econômica capitalista ?

Gilberto Calil

“Em um sistema de produção onde toda a continuidade do processo de reprodução depende do crédito, quando este acaba subitamente e somente transações com dinheiro passam a ser aceitas, é inevitável que ocorra uma crise, uma tremenda demanda por meios de pagamento. É por isso que, à primeira vista, a crise inteira parece ser somente uma crise de crédito e de moeda. E de fato trata-se apenas da conversibilidade de letras de câmbio em dinheiro. No entanto, a maioria destes papéis representam compras e vendas reais, cuja extensão – para muito além das necessidades da sociedade – é, afinal, a base de toda a crise. Ao mesmo tempo, há uma quantidade enorme destas letras de câmbio que representam mera especulação, que agora revela sua face e colapsa; especulação fracassada com o capital de outras pessoas, com o capital-mercadoria depreciado ou invendável, ou com ganhos que nunca mais poderão ser realizados. Todo esse sistema artificial de expansão forçada do processo de reprodução evidentemente não pode ser resolvido com um banco, por exemplo, o Banco da Inglaterra, entregando a todos esses especuladores o capital que lhes falta através de seus títulos, comprando mercadorias depreciadas a seus antigos valores nominais. Aliás, é nesse momento que tudo começa a parecer distorcido, já que nesse mundo de papel, o preço real e seus fatores reais desaparecem, deixando visível somente metais, moedas, cédulas, letras de câmbio e títulos.”

Karl Marx, *O Capital*, vol. 3, cap. XXX. 1865

A passagem acima, escrita há quase 150 anos, deixa claro que a crise é inerente ao sistema capitalista. Mas, ao mesmo tempo, ajuda-nos a perceber que o que parece em um primeiro momento apenas uma crise financeira (estouro das “bolhas especulativas”, para usar a linguagem corrente) é muito mais profundo, com conseqüências bastante palpáveis para todo o conjunto do sistema capitalista. Cabe lembrar, como há mais de 100 anos escreveu Lênin, que sob a forma imperialista o capital bancário e o capital industrial (ou “produtivo”, como preferem dizer os economistas) não existem em separado, mas unificadamente, como capital financeiro. Portanto, não faz sentido dizer que uma crise é “apenas financeira”, pois uma crise financeira é uma crise do sistema em seu conjunto.

As crises são inerentes à dinâmica do sistema capitalista, mas se dão sob formas, condições e intensidade variadas. A crise geral de 1929 provocou anos de recessão mundial e seus efeitos terríveis impulsionaram, dentre outras conseqüências desastrosas, a ascensão do nazismo e o desenvolvimento da II Guerra Mundial. A ampla destruição provocada pela II Guerra Mundial permitiu um novo ciclo de acumulação capitalista, a partir da reconstrução da Europa. Nas três décadas que se seguiram, verificaram-se índices constantes de crescimento econômico e os Estados nacionais passaram a regular em alguma medida as condições de desenvolvimento capitalista. Na década de 1970, no entanto, as grandes crises do petróleo (1973 e 1979) anunciavam uma nova

crise. Neste contexto, construiu-se um novo consenso, apoiado pelas grandes empresas, seus intelectuais e os governos nacionais dos principais países imperialistas, buscando superar a crise através da desregulamentação completa da acumulação capitalista, através do estímulo à financeirização, ao livre comércio, às privatizações, da redução dos direitos sociais e trabalhistas, do desmonte dos serviços públicos, da concentração da produção e da intensificação da exploração sobre os trabalhadores. Este consenso impulsionou a “era neoliberal” que marcou as duas últimas décadas. Por algum tempo, possibilitou lucros gigantescos para os grandes bancos e corporações multinacionais, levando ao enriquecimento sem precedentes de seus executivos e seus principais acionistas. No entanto, uma hora a festa tinha que acabar e a acumulação capitalista se depara com seus limites absolutos. A crise atual pode ser o anúncio deste novo cenário.

O estímulo ao livre comércio internacional – que impulsionou a enorme concentração produtiva e o aumento da exploração sobre os trabalhadores – tem como efeito indesejado tornar o conjunto do sistema muito mais frágil. Assim, hoje um abalo na economia chinesa, indiana ou russa, por exemplo, provoca imediatos efeitos em cadeia no conjunto do sistema. A crise atual, no entanto, concentra-se no principal centro do sistema capitalista, os Estados Unidos (e, em grande parte, também na Europa), com o que pode-se prever conseqüências muito mais drásticas do que as diversas crises regionais das duas últimas décadas, que eclodiram na periferia do capitalismo (crises “dos tigres asiáticos”, “mexicana”, “brasileira”, “russa”, “argentina”, etc.).

O extraordinário aumento da exploração sobre o trabalho das últimas décadas, apesar de ter permitido em um primeiro momento o aumento dos lucros capitalistas, criou um problema insolúvel para o desenvolvimento capitalista: se as grandes massas são cada vez mais exploradas e, portanto, têm sua capacidade de acesso aos bens de consumo cada vez mais reduzida, torna-se inviável o contínuo crescimento da produção de mercadorias, imprescindível para manter as altas taxas de acumulação do capital. Por algum tempo o neoliberalismo pareceu funcionar bem, já que a corrupção e os mercados financeiros possibilitavam gigantescos lucros, sem relação com o crescimento do aparato produtivo; e, ao mesmo tempo, as empresas demitiam trabalhadores na expectativa de vender seus produtos no “mercado externo”, que parecia ilimitado, com a incorporação da China e da Rússia. Ocorre que também no “mercado externo” os trabalhadores eram demitidos e os que mantinham seus empregos tinham suas condições de vida deterioradas. Portanto, a despeito das enormes necessidades das populações, o mercado consumidor deixou de crescer na medida necessária, fazendo com que se iniciasse um ciclo de superprodução, e, conseqüentemente, um cenário propício a uma recessão mundial de vastas conseqüências.

A crise atual ainda não se revelou em toda sua dimensão. São muitos os fatores que contribuem para obscurecer sua real magnitude. O primeiro deles é a manipulação midiática, sempre buscando

reduzir a crise a algo conjuntural e passageiro. Inúmeras vezes ouvimos que “o pior já passou” e logo depois somos surpreendidos por novas falências e prejuízos bilionários nas bolsas de valores. Também os governos dos países centrais tentam desesperadamente limitar os efeitos da crise “estatizando” os prejuízos, ou seja, evitando as falências às custas de bilhões de dólares de dinheiro público. Também a eleição presidencial nos Estados Unidos, com a “onda Obama” e a expectativa que este despertou desviam a atenção da crise e fazem esquecer que o mesmo Obama apoiou a destinação de centenas de bilhões de dólares de dinheiro público para socorrer os bancos falidos. No Brasil, declarações irresponsáveis de autoridades governamentais seguem afirmando que os efeitos da crise não chegarão aqui. Ao contrário, a crise está apenas em seus estágios iniciais e suas conseqüências são imprevisíveis, até porque se desenvolvem em um cenário de iminente catástrofe ambiental, acelerada pelo crescimento desordenado e desregulamentado do capitalismo nas últimas duas décadas.

A crise vista na América Latina

Juliana Valentini

Sandra Popiolek

“O desenvolvimento da força produtiva de trabalho gera, na queda da taxa de lucro, uma lei que em certo ponto se opõe com a maior hostilidade a seu próprio desenvolvimento, tendo de ser, portanto, constantemente superada por meio de crises”

Karl Marx

O debate acerca da atual crise do capital leva-nos a refletir sobre a situação de nosso país, bem como a América Latina. No que interfere em nossa vida essa crise?

A situação da América Latina é de um clima de instabilidade comercial e monetária. Por exemplo, para países como a Bolívia e Venezuela a queda do preço do petróleo influencia em suas políticas de inclusão social, que acabam perdendo forças.

Na Argentina, sua estratégia diante a crise foi defender as taxas de câmbio, congelar os preços de seus produtos, o que, por consequência, aumentou a inflação e também prejudicaram as suas exportações e precarizou a suas importações.

No Brasil, Lula acreditava que não seríamos vítima dessa crise, entretanto teve que tomar algumas medidas relacionadas ao financiamento, restringindo os créditos com juros altos, além de iniciativas em liberar cerca de 60 bilhões de reais para reforçar os caixas dos bancos que ficaram sem fonte de financiamento, impedindo assim o colapso no sistema financeiro nacional, ou seja, socializando o prejuízo, pois o governo interferiu utilizando dinheiro público para evitar a falência desses bancos.

Essas medidas que estão sendo tomadas pelo governo mostram a impossibilidade de um país manter-se imune à crise. O caráter de uma crise é de algo passageiro, que não tem hora para acabar. Entretanto não sabemos quando essa atual crise acabará. A perspectiva para o Brasil, segundo alguns economistas, ao final dessa crise é que o país cresça cerca de 6,5% em sua economia, o que talvez não se confirme, mesmo porque se isso ocorrer o resultado terá reflexo no bolso dos grandes burgueses.

O fim do *Fim da História*? Sobre o eixo da atual crise financeira

Gustavo Soares de Lima

O termo “bolsa” provavelmente surgiu no século XVI em Bruges na Bélgica, por conta de uma tradicional família, os Van Der Burse. As Bolsas de Valores, desde a Baixa Idade Média – após o desenvolvimento comercial – ganharam a vida negociando mercadorias e capitais. Reside nelas o aspecto da perseguição do lucro, comprando e vendendo ações que representam frações do capital de uma empresa. Diariamente vemos pelos grandes meios de comunicação a saga das principais Bolsas do mundo e no Brasil, ainda que para a população fique obscuro o significado dos “índices”. Quem compreende a Dow Jones e a Nasdaq? O que as cotações das empresas estadunidenses ou as das de tecnologia tem a ver com a nossa sociedade? De que se trata a atual “crise” financeira e onde está sua origem?

O século XX foi palco de inúmeras crises do atual sistema econômico, o capitalismo. Segundo o historiador Eric Hobsbawm o século XX divide-se em três partes: a) A “Era da catástrofe”, com a crise da bolsa de 1929 como um de seus marcos, b) a “Era de Ouro” com grande desenvolvimento das forças produtivas, e por fim c) a “Era do desmoronamento” onde “as décadas de crise” seriam de um “mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade”. Entretanto, segundo o historiador Valério Arcary “Não há evidência histórica de crises econômicas sem saída para o imperialismo”, mas ressalta que “Não podemos descartar, evidentemente, que uma nova crise como a de 1929 possa ocorrer, embora o imperialismo tenha aprendido a lição histórica e venha-se prevenindo com muita prudência econômica”. A atual crise que ganhou proporções a partir da perda de seus imóveis por milhares de norte-americanos, nas chamadas “subprimes”, tem gerado inúmeros debates. Um deles gira entorno de saber se esta é uma crise igual à de 1929. Segundo François Chesnais, a atual crise possui “características que são comparáveis à crise de 1929” e com aspectos diferentes de outras crises do capitalismo:

“nesta nova etapa, a crise vai desenvolver-se de tal modo que as primeiras e realmente brutais manifestações da crise climática mundial vão combinar-se com a crise do capital enquanto tal. Entramos numa fase em que se coloca realmente uma crise da humanidade”.

A crise, que segundo Joseph Stiglitz, equivale à “queda do Muro de Berlim”, ganha proporção menor no entanto, na perspectiva de José Luis Fiori: “Muitos bancos e empresas seguirão quebrando, nascerão rapidamente novas regras e instituições, e haverá nos próximos meses, uma gigantesca centralização do capital financeiro, sobretudo nos EUA e na Europa”. Sendo a crise em

maior ou menor grau, onde está seu eixo? Quais suas características? Segundo o historiador José Menezes Gomes:

O aprofundamento da crise capitalista ao mesmo tempo em que se amplia o repasse de dinheiro público para amenizar a crise no setor financeiro deixa claro que a saída encontrada pela classe dominante para contornar a crise, na fase anterior, a fez ainda mais amplificada e se converteu numa nova fonte do endividamento público, enquanto o estado capitalista se afasta ainda mais dos chamados gastos sociais. Tudo o que foi já foi feito, todas as reformas, toda a retirada de direitos dos trabalhadores, todo o pagamento da dívida pública, em todos os países, tudo isso não foi suficiente para conter a crise.

Esta crise, apesar de desdobrar-se em todo o mundo, é uma crise do próprio modelo neoliberal, haja que um dos seus princípios que ditava a “não intervenção” do Estado na economia falhou, e agora Bancos e economistas imploram pela injeção de milhões de dólares no “salvamento” de Wall Street. César Benjamin lembra que “O que vemos não é um erro; mais uma vez, os Estados tentarão salvar o capitalismo da ação predatória dos capitalistas” e justifica esta ação: “as economias modernas criaram um novo conceito de riqueza. Não se trata mais de dispor de valores de uso, mas de ampliar abstrações numéricas”. Podemos considerar que o eixo, ou seja, o centro desta crise é o próprio elemento essencial para funcionalidade do sistema capitalista. Esta contradição foi apontada em alguma medida por Karl Marx, e aí reside a consideração central que realizamos neste texto: apesar das seqüelas deste sistema econômico em todo o mundo (demissões em massa, auxílio financeiro às custas de privatizações como no caso do sistema de correio francês, e etc), a crise é global ou seu centro está a partir da especulação financeira, principalmente na Wall Street?

Francis Fukuwama, ao escrever o livro *O fim da História*, defendia a tese de que o sistema econômico vigente era tão perfeito, que perduraria pela sociedade como forma ideal de vida. Hobsbawm contrapõe esta visão e afirma que a atual crise financeira “pode transformar-se em uma grande depressão econômica nos EUA, dramatiza o fracasso da teologia do livre mercado global descontrolado e obriga, inclusive o governo norte-americano, a escolher ações públicas esquecidas desde os anos trinta”. Ao mesmo passo que a crise coloca toda a incapacidade das “Bolsas” de “regular” o mercado, abre mais uma vez um quadro complexo também para aqueles que “viram-se obrigados, mais uma vez, a socorrer os banqueiros à custa dos seus sofrimentos”, colocando uma questão à esquerda internacional que é a de “não repetir o resgate dos financeiros”. Será o fim do *Fim da História*? O eixo da crise se manterá ou romperá?

O Estado intervindo na economia.

Karen Loraine Kraulich

Karen Renata Capelesso

Rúbia Mara Tordiotto

Segundo Lênin, o Estado surgiu das contradições antagônicas entre as classes sociais. Partindo desse pressuposto, o Estado serve como um meio para a classe dominante exercer seu poder sobre as classes dominadas.

O Estado é o produto e a manifestação do antagonismo inconciliável das classes. O Estado aparece onde e na medida em que os antagonismos de classes não podem objetivamente ser conciliados. E, reciprocamente, a existência do Estado prova que as contradições de classe são inconciliáveis.

Dessa forma, seria ilusório pensar que o Estado é neutro em suas decisões, ele serve como instrumento para as classes dominantes exercerem seu poder hegemônico e defender seus interesses diante da sociedade.

Hoje, com a crise econômica em proporções mundiais, os Estados neoliberais de todo o globo anunciam formas de minimizar seus efeitos; empresas privadas recebendo valores exorbitantes dos cofres públicos como uma forma de socorro, valores estes que mais tarde caso não exista um restabelecimento econômico poderão vir a fazer falta em outros setores que seriam de fato responsabilidade do Estado. Um bom exemplo disso é que nos últimos 15 meses, o fundo de pensão das aposentadorias dos estadunidenses caiu 2 trilhões de dólares, enquanto as empresas privadas estariam recebendo bem mais do que o próprio governo teoricamente poderia financiar.

O Estado neoliberal, isto é, o Estado mínimo, segundo seus pensadores, parte do pressuposto da não-intervenção na economia mundial, já que o “capital privado é sagrado”. Os países da União Européia já injetaram mais de 3 trilhões de dólares na economia somente este ano. Só o governo dos Estados Unidos gastou mais 700 bilhões e o governo brasileiro, cerca de 60 bilhões em estatização de dívidas de empresas privadas e liberação de empréstimos. Tudo com um único objetivo: salvar os lucros das transnacionais e também dos grandes bancos que correm sério risco de falência devido a imensa quantidade de dívidas adquiridas.

Estranho pensar nisso, afinal, um dos maiores ideais do neoliberalismo não seria justamente a não intervenção do Estado na economia e isto está sendo quebrado sem muitas explicações e sem outros tipos de alternativas. Mas por outro lado, não podemos esquecer do papel fundamental que o

Estado possuiu historicamente para a formação das classes dominantes. Esse papel continua sendo desempenhado ainda hoje e a prova mais clara disso é a forma com que os estados estão intervindo com o intuito de “resgatar” a economia mundial.

Voltamos a afirmar, eloqüentemente, que este Estado é um instrumento de dominação das classes dominantes da sociedade, da burguesia como a conhecemos, e isso nos permite entender o porquê de tais empréstimos e intervenções. Reprimir greves de trabalhadores, retirar direitos trabalhistas, desrespeitar códigos civis, dar auxílio financeiro a empresas multinacionais para evitar suas quebras, infelizmente é tudo que vemos do papel do Estado na sociedade, uma administração de interesses voltados quase que exclusivamente para os ricos empresários, enquanto os que realmente necessitam de políticas governamentais como assistência médica, educação e infraestrutura ficam de fora dos pacotes bilionários das grandes potências econômicas mundiais.

Quais os rumos da crise?

Luis Fernando Guimarães Zen

Ainda não sabemos exatamente quais os rumos que a crise financeira irá tomar, porém, algumas mudanças já são perceptíveis, o discurso do presidente Lula que inicialmente era de que “a crise não vai atingir o Brasil” já mudou, o governo agora é forçado a aceitar que a crise já chegou ao país.

A falta de crédito tão anunciada pelos meios de comunicação já pode ser sentida na prática. A abundância de crédito para financiamentos de eletroeletrônicos, automóveis, imóveis, créditos consignados, empréstimos para aposentados, para os agricultores e empresários está cada vez mais escasso. Os financiamentos “a perder de vista” nas concessionárias de automóveis que a menos de um ano ofereciam taxas de juros de até 0,5% ao mês agora chegam a cobrar 3,10% para financiamentos de até 6 meses, isso daria aproximadamente 37,20% ao ano.

Os financiamentos de imóveis que foram o pivô da crise nos Estados Unidos estão cada vez mais escassos também no Brasil. Essa semana, as grandes multinacionais do setor agrícola anunciaram que não vão financiar plantações de grãos no Brasil, isso pode acarretar em uma crise alimentar ainda maior que a já existente e tão debatida pela ONU em 2008.

A dúvida que fica no ar é saber onde foram parar os TRÊS TRILHÕES DE DOLARES injetados na economia pelos governos dos Estados Unidos e alguns países da Europa. O governo brasileiro também “investiu” dinheiro público, isso mesmo, extraído dos nossos impostos, uma bagatela de 60 BILÕES DE REAIS injetados na economia. Mais uma vez, o Estado intervém a favor das elites, seja no Brasil, nos Estados Unidos ou na Europa.

Se essa crise persistir por muito tempo as conseqüências podem ser ainda mais graves, com o arrefecimento da economia, as grandes indústrias que hoje falam em férias coletivas logo vão começar a falar em demissões, característica comum das crises cíclicas do capitalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCARY, Valério. *O Encontro da Revolução com a História*. Sundermann, 2007

BENJAMIN, César. *Karl Marx manda lembranças*. Folha de São Paulo, 20 de setembro de 2008.

FIORI, José Luis. O mito do colapso americano.

GOMES, José Menezes Gomes. *Fase Neoliberal: Resultados e perspectivas*.

HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. São Paulo: Cia da História, 1995

LÊNIN, V.I. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: SP, Expressão Popular, 2007.

MARX, Karl. *O Capital*, vol. 3, cap. XXX. 1865

Carta Capital, 15/10/2008 – A maré chega mais perto, por André Siqueira. (P. 43).

Carta capital, 29/10/2008 – Vai passar..., por Antonio Delfim Netto. (P.31).

Carta Capital, 15/10/2008. (P.43).

<<http://www.cartamaior.com.br>>

<<http://www.uol.com.br/jc>>

<<http://www.esquerda.net>>